

**Unibra**  
**Tecnólogo em Gastronomia**

**Marcos Antonio Costa Corrêa Neto**

**Desafios da Diversidade linguística para a gastronomia no Recife**

**RECIFE-PE**  
**Setembro-2022**

**Marcos Antonio Costa Corrêa Neto**

**Desafios da Diversidade linguística para a gastronomia no Recife**

Projeto de pesquisa referente ao trabalho de conclusão de curso da graduação de tecnólogo em gastronomia da Unibra, trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação no curso.

Professor Orientador: Pedro Oliveira

**Recife-PE**

**2022**

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

C824d Corrêa Neto, Marcos Antonio Costa.  
Desafios da diversidade linguística para a gastronomia no Recife /  
Marcos Antonio Costa Corrêa Neto. - Recife: O Autor, 2022.  
7 p.  
  
Orientador(a): Pedro Oliveira.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário  
Brasileiro – UNIBRA. Tecnólogo em Gastronomia, 2022.  
  
Inclui Referências.  
  
1. Vocábulo na gastronomia. 2. Preconceito linguístico. 3.  
Alimentação. I. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. II. Título.

CDU: 641

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco estudar a etnolinguística do ponto de vista social e econômico buscando principalmente a diferenciação na qualidade de ensino oferecida para as tão distintas classes encontradas em Recife, qualidade de ensino essa, que influencia na formação de dialetos e na criação de termos da gastronomia dentro da cidade, tendo em vista que há uma desigualdade social facilmente observável, como aponta o Atlas de Desenvolvimento Humano de Recife:

Assim a forte desigualdade social e a grande dimensão da pobreza são as marcas principais da sociedade recifense. A moderna e cosmopolita Boa Viagem — que abriga uma minoria rica — contrasta com o Coque, abrigo dos pobres e esquecido pelo Poder Público (DE ARAÚJO, T. B., DE ARAÚJO T. P., 2005, p. 4).

Visto isso, será aplicado o conceito de diversidade linguística proposto pelo autor Marcos Bagno, ao estudo da influência do vocábulo na gastronomia, que assim como a linguagem, constitui importante função para a formação cultural como sugere artigo exposto na 6ª Semintur: “Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico.” (MULLER S.G., AMARAL F.M., REMOR C.A. julho 2010, p. 11).

Sugere-se então, que como elemento essencial para formação da cultura, a gastronomia também sofre influências da diversidade linguística, e considerando que historicamente diferentes povos têm lutado para defender a sua cultura e linguagem, pode-se observar por exemplo, discussões acerca do certo ou errado nos dialetos dentro de uma mesma língua, discussões essas criticadas por Marcos Bagno, quando ele diz:

O preconceito lingüístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 1999, p. 40).

Assim como Marcos Bagno aponta esse preconceito como algo descabido quando ele mostra que:

Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem Cráudia, chichete e pranta têm algum “defeito” ou “atraso mental”, seríamos forçados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa estava se formando. E que o grande Luís de Camões também sofria desse mesmo mal, já que ele escreveu ingrês, pubricar, pranta, fruta, frecha na obra que é considerada até hoje o maior monumento literário do português clássico, o poema Os Lusíadas. E isso, é “craro”, seria no mínimo absurdo. (BAGNO, 1999, p. 40).

Para a gastronomia também não é diferente, a grande influência da educação na construção do vocabulário do povo recifense, mostra que os que têm um acesso fácil ao ensino de qualidade têm um grupo de palavras distinto daqueles que não tiveram esse acesso à educação, e ainda, mesmo dentro de um grupo com mesma qualidade educacional, diferentes grupos sociais desenvolvem uma riqueza diferentes de palavras, já que, não só a situação econômica e educacional define um grupo social.

Uma problemática a ser apontada é a de que a tentativa de manter a sua cultura influencia grupos a imporem ela como certa, afogando assim, culturas que não tenham tanto espaço, culturas oprimidas pela sociedade.

Ao longo da pesquisa, espera-se também que seja desmistificado o “Mito N°8” do livro Preconceito Linguístico de Marcos Bagno em que o autor apresenta como mito a seguinte frase: “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social” (BAGNO, 1999, p. 68).

Assim como diz Marcos Bagno sobre preconceito linguístico:

Por mais que isso nos entristeça ou irrite, é preciso reconhecer que o preconceito linguístico está aí, firme e forte. Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora para outra, porque isso só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos (BAGNO, 1999, p. 138-9).

E a partir dessa observação do autor acerca do preconceito linguístico, este projeto busca apontar, como se deu a formação de termos da gastronomia em diferentes áreas de Recife, com diferentes classes sociais e conseqüentemente diferentes níveis de escolaridade, com o objetivo de identificar a influência desses termos para a comunicação e visto isso, como contribuir para que haja essa transformação na sociedade, que Marcos Bagno aponta como algo crucial para o combate ao preconceito linguístico.

Este trabalho tem como um de seus objetivos principais, discutir e argumentar que a diversidade linguística só tem a acrescentar para as diversas áreas do conhecimento e assim também é para a gastronomia.

Em verdade há autores que dissertam acerca da diversidade linguística, mas ao contrário do projeto aqui proposto, os artigos já publicados apresentam uma interlinguística que influencia na cultura e na criação de dialetos em uma outra língua, tendo como foco a pesquisa etnográfica do ponto de vista da formação daquela cultura e da interação dela com outras culturas de forma específica, como por exemplo no artigo proposto por Liana Fernandes que estuda a influência dos imigrantes italianos na linguagem ligada à alimentação no município de Pedrinhas Paulista (FERNANDES, 2006)

Outro exemplo de estudo acerca da influência de um povo sobre a linguagem e cultura na gastronomia de outro povo é a pesquisa realizada por Márcia Ribeiro, que estuda a influência do repertório da Gastronomia boliviana na formação do dialeto que surge no contato do português e espanhol na fronteira de Guajará-Mirim/Guayaramerím (RIBEIRO, 2013)

O destaque deste projeto é também fomentar discussões sobre a divergência dos termos da gastronomia entre culturas divergentes, mas diferentemente dos artigos apontados, as culturas a serem estudadas se distanciam do ponto de vista social, já que pertencem, inclusive, à mesma cidade.

Este trabalho traz como problemática central, que serviu de incentivo para a construção do artigo, a desigualdade social de Recife, onde apenas 66% dos maiores de 18 anos tem ensino fundamental completo, segundo IBGE, censo demográfico de 2010, e no que essa desigualdade afeta a construção de conhecimento científico daqueles que não tiveram o privilégio de concluir o ensino fundamental e no que essa precarização do estudo científico por parte da população pode afetar na construção de dialetos e repertório lexical na gastronomia. Em contrapartida, apesar de o conhecimento

científico não ser tão amplamente propagado como deveria, há ainda, a transmissão de conhecimento empírico ou senso comum. Mas esse conhecimento transmitido, apesar de não ser científico tem suas contribuições para a formação de uma cultura, e é justamente nesse limiar que a problemática se apoia, querendo assim observar as convergências e divergências dos dialetos apoiados nos dois tipos de conhecimento.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A comunicação acompanha o ser humano desde muito antes da própria escrita surgir, já que assim como a alimentação, a comunicação é uma característica inerente à sobrevivência humana assim como explica Nietzsche sobre a consciência humana:

A acuidade e a força da consciência me parece estar sem em relação com a *faculdade da comunicação* de um homem (ou animal) e essa mesma faculdade em função da *necessidade de comunicar* [...]. A consciência é apenas uma rede de comunicação entre os homens - somente como tal é que foi forçada a se desenvolver [...] é o resultado de uma necessidade que durante muito tempo dominou o homem: uma vez que era o mais ameaçado dos animais, tinha necessidade de ajuda e de proteção, tinha necessidade de seus semelhantes, era obrigado a saber exprimir sua aflição, a saber tornar-se inteligível - e para isso era necessário, em primeiro lugar, a “consciência”, para “saber” ele próprio o que lhe faltava, “saber” qual era sua disposição de espírito, “saber” o que pensava. (NIETZSCHE, 1882, p. 354)

Ao longo da evolução humana, evoluiu também a comunicação, que como elemento essencial para a sobrevivência humana, se tornou cada vez mais um elemento sofisticado e com essa sofisticação houve a fragmentação da linguagem em diferentes línguas assim como surge também a escrita. Por séculos os estudos acerca da linguagem foram ocasionados por uma curiosidade religiosa em relação às antigas escrituras, porém os estudos da linguagem datam de muito tempo antes disso como indica WEEDWOOD:

As pessoas vêm estudando a linguagem desde a invenção da escrita e, sem dúvida, muito antes disso também. Como em tantos outros campos, o uso e, em seguida, o estudo da língua com finalidades práticas precedeu o processo de reflexão da análise científica. (WEEDWOOD, 2002, p. 17)

Assim como sugere Saussure (1995, p. 7), o estudo da língua pode ser dividido em três períodos, a começar da gramática, estudo que se iniciou com os gregos e que, de

forma estritamente prática, busca definir padrões e regras na língua, delimitando o correto e o incorreto, “ é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.”(Saussure, p.7).

A segunda etapa que divide o estudo da língua é a Filologia, que teve seu sentido atrelado principalmente aos estudos de Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias.

A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. (SAUSSURE, 1996, p. 7)

A terceira fase iniciou-se quando foi percebido que haveria progresso no conhecimento ao comparar diferentes línguas, e assim surgiu a Filologia comparativa ou “Gramática comparada”.

Em 1816, numa obra intitulada Sistema da Conjugação do Sânscrito, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, notadamente pelo orientalista inglês W. Jones (1794). (SAUSSURE, 1995, p. 8)

Trazendo como exemplo a comparação do Grego e latim com o Sânscrito, Saussure (1995), aponta o primeiro erro da Filologia comparativa: “a Gramática comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria. Foi exclusivamente comparativa, em vez de histórica.” (SAUSSURE, 1995, p. 10)

A discussão do Sânscrito impulsionou o estudo da Gramática comparada, como explica WEEDWOOD (2002, p. 104)

O ímpeto principal para o desenvolvimento da filologia comparativa chegou no final de XVIII, quando se descobriu que o sânscrito – a antiga língua dos livros sagrados da cultura indiana, já não mais falada e preservada apenas na escrita – tinha algumas semelhanças espantosas com o grego e o latim. Um orientalista inglês, Sir William Jones, embora não fosse o primeiro a notar tais semelhanças, recebe em geral o crédito de tê-las trazido à atenção do mundo intelectual e lançado a hipótese, em 1786, de que aquelas três línguas deviam ter “jorrado de alguma fonte comum, que talvez

não exista mais”. Por aquela época, certo número de textos e glossários das línguas germânicas mais antigas (gótico, antigo alto-alemão e norueguês arcaico) tinham sido publicados, e Jones se deu conta de que o germânico, bem como o persa antigo e talvez o céltico, tinham evoluído desde aquela mesma “fonte comum” (WEEDWOOD, 2002, p. 104)

Durante a pesquisa e feitura do estado da arte, pôde-se observar uma pobreza no que diz respeito à quantidade de trabalhos que usufruísse da mesma linha de pensamento e dos mesmos métodos, sendo assim, notou-se que o objetivo deste trabalho se assemelhava ao objetivo da Gramática comparada, entretanto, os objetos de pesquisa são outros, assim como os objetivos específicos, já que apesar de este projeto não ter como objetivo apresentar a variedade linguística no aspecto geográfico comparativo entre duas nações de línguas diferentes, há o intuito de aplicar o estudo da gramática comparada aos dialetos formados por diferentes classes sociais presentes em Recife, e assim observar dentro de agrupamentos de uma mesma classe social, a formação de seus respectivos dialetos, sendo eles dialetos que sigam a norma padrão ou não, e após a comparação dos dialetos formados, verificar em que esses dialetos interferem na gastronomia.

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi planejado utilizando como método a revisão bibliográfica, com o intuito de fazer um apanhado de textos da área da gastronomia e também da área das linguagens, para que assim se fomentasse uma discussão acerca das dificuldades causadas pelas divergências da língua para a gastronomia.

Os recursos utilizados para conseguir o material de pesquisa para este trabalho foram as plataformas online Google Acadêmico e o Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES

Infelizmente durante a o processo de procura de textos que complementassem positivamente este estudo, notou-se que em sua maioria, seguiam outro viés, e buscavam estudar as dificuldades geradas em regiões com linguagens miscigenadas, o que foge do foco do trabalho que é se aprofundar nas diferenças entre classes sociais.

## RESULTADOS

Com o pobre apanhado teórico encontrado acerca do tema levanta-se uma discussão: até que ponto há uma preocupação em levar a mesma gastronomia a todas as classes sociais. Com isso, penso que deve haver uma extensão com o mesmo enfoque deste trabalho, em que a proposta se mantenha mas que a metodologia se torne mais contundente.

Concluo portanto que para serem atingidos os objetivos anteriormente destacados, seja necessária a inserção do pesquisador nos mesmos ambientes dos diferentes objetos de pesquisa, e acrescento também, que dessa forma ele poderá de fato estudar e traçar resultados efetivos relacionados à discussão formulada no primeiro parágrafo deste tópico.

Sugiro então, que após inserido nos respectivos meios a serem estudados, o pesquisador observe a comunicação dos objetos de estudo no cotidiano, e além das palavras corriqueiras de cada dialeto, pesquisar por meio de entrevistas individuais o nome atribuído a diversos alimentos, separados por preço de mercado, na tentativa de identificar e apontar que a alimentação assim como a linguagem são elitistas, e a partir deste estudo e dos seus resultados, debater em que ponto o projeto pode contribuir para a desconstrução do preconceito linguístico apontado por Marcos Bagno (1999).

Imagino que para completo sucesso do trabalho, seja desejável também, como conclusão de cada etapa da pesquisa, a realização de uma refeição proposta pelo pesquisador, e que, a partir dos pratos apresentados, entrevistar novamente os objetos de pesquisa, que nomearão as comidas de acordo com o seu próprio repertório.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Liana Lagana. **Língua e alimentação**: dois elementos da identidade italiana em Pedrinhas Paulista. 2006. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RIBEIRO, Márcia Jesus de Sá. a influência do repertório da gastronomia boliviana na formação do dialeto de Guajará-Mirim. 2013. Dissertação (ciências da linguagem) - Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.

ARAÚJO\*, T.B., ARAÚJO\*\*, T.P., **Atlas de Desenvolvimento Humano de Recife**. Recife, 2005.

MULLER, S.G.; AMARAL, F.M.; REMOR, C.A.2010. Alimentação e Cultura: Preservação da Gastronomia Tradicional. Anais do Sexto Seminário de Turismo do Mercosul. Saberes e fazeres no turismo: Interfaces. Universidade Caxias do Sul. Julho 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm **A Gaia Ciência** (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da lingüística** (tradução de Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. C. Bally e A. Sechehaye (Org.) com colaboração de A. Riedlinger, trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001 [1916]. 279 p.

